



## **O Papa é Pop? Sexualidade e Religião no Fio da Navalha do Discurso<sup>1</sup>**

Maíra Fernandes Martins NUNES  
Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB

### **Resumo**

Este artigo investiga os embates discursivos entre duas posições discursivas conflitantes, a homofobia e o ativismo em prol da diversidade sexual, através da análise da inserção do discurso religioso nesse conflito. Observamos que o discurso religioso adquire, hoje, certa regularidade no enfrentamento entre as manifestações homofóbicas e as reivindicações a favor do direito à diferença na ordem sexual. Com essa perspectiva, analisamos como a irrupção de um acontecimento discursivo instala séries de enunciados que se confrontam acerca da identidade homossexual a partir do discurso religioso, atualizando a memória do controle da religião sobre a sexualidade.

### **Palavras-chave**

Sexualidade; religião; discurso.

A luta pelo reconhecimento da união civil entre homossexuais, travada atualmente no Brasil, ganha visibilidade nas mídias e põe em xeque a heterossexualidade normativa e o direito à diferença. Como enfatiza Brigitte Lhomond (2009), essas lutas resultam de um contexto histórico e cultural específico e se configuram como lugares de tensão na contemporaneidade. Este artigo busca responder algumas indagações que nos desafiam para a interpretação desses conflitos. Com efeito, o objetivo é investigar os embates discursivos entre homofobia e direito à diferença sexual, através da análise da inserção do discurso religioso nesse conflito. Observamos que o discurso religioso adquire, hoje, certa regularidade no enfrentamento entre as manifestações homofóbicas e as reivindicações a favor do direito à diferença na ordem sexual, sobretudo após a repercussão mundial que a notícia “Papa condena orgulho gay” obteve no ano 2000. Entendemos que a disseminação dessa notícia funda um acontecimento que institui novas discursividades acerca da moral e das identidades sexuais contemporâneas,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.



inserindo elementos do discurso religioso nas relações de poder e resistência no que tange à sexualidade.

Metodologicamente, partimos da Análise do Discurso francesa, derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux, sobretudo a vertente que faz trabalhar as contribuições de Michel Foucault a esse campo de saber, na articulação entre discurso, poder e subjetividade. Com essa visada teórica, encontramos suporte metodológico para compreender as tensões em torno das identidades sexuais e de gênero na contemporaneidade, as relações de poder que lhes afetam e a produção social de sentidos materializada nos discursos que se enfrentam. Acionamos, também, as contribuições dos Estudos de Gênero, a fim de tratar com rigor teórico nosso objeto de investigação.

Segundo Michelle Perrot (2009), a noção norte-americana de *gender* (gênero), elaborada pela Antropologia no fim dos anos 60, difundiu-se posteriormente na História. Perrot (2009) explica que a noção de gênero designa as relações entre os sexos construídas na cultura e na História, distinguindo-se, portanto, da acepção de sexo biológico. Sendo assim, indica a diferença entre os sexos na sua historicidade.

Para Brigitte Lhomond (2009), a sexualidade humana é uma construção social dos usos do corpo; cada época e sociedade estabelecem, de forma variável, um conjunto de normas, regras, valores que formatam e ordenam essas atividades. Até o século XVIII, a Igreja exerceu controle hegemônico sobre a sexualidade, posteriormente é que a Medicina e o Direito civil e penal concorrem como campos de saber que produzem verdades e regulam práticas sexuais (FOUCAULT *apud* LHOMOND, 2009). A regulação jurídica estabelece o casamento como instituição que legitima o ato sexual, e cuida de normatizá-lo, estabelecendo critérios e interdições para sua realização (idade, grau de parentesco, sexo). No século XIX, a psiquiatria e a sexologia definem como perversão sexual qualquer uso da sexualidade que escape ao objetivo coital e é nesse contexto que a homossexualidade é tomada como perversão; de modo que não deveria ser punida por lei, mas tratada clinicamente. Na mesma época, a psicanálise se estabelece como campo de saber que tem como foco da sua teoria a sexualidade. Wilhelm Reich e outros psicanalistas defenderam o exercício da liberação sexual, emprestando bases para a corrente da reforma sexual que implode no século XX e que



teve seu apogeu nos movimentos de contracultura dos anos 60 e 70 (LHOMOND, 2009).

A estruturação da família, a desigualdade jurídica e social dos sexos dentro e fora do casamento, a homossexualidade masculina e o lesbianismo, a reprodução e a limitação de nascimentos, a sexualidade pré-conjugal, a violência sexual, a mercantilização da sexualidade (prostituição, pornografia etc.) foram transformadas tanto na maneira como são percebidos quanto na prática. Elas constituem questões fundamentais nas lutas políticas e sociais (LHOMOND, 2009, p.233).

É nesse contexto que os movimentos feministas e aqueles que reivindicam o direito à diversidade sexual colocam em questão elementos da ordem vigente na divisão social dos sexos e nas imposições de gênero. Se a crítica feminista incidiu sobre as relações de dominação dos homens sobre as mulheres, o movimento homossexual questiona a heterossexualidade como padrão normativo de comportamento na sociedade. É nesse sentido que Judith Butler (*apud* FALQUET, 2009) pontua que o gênero não pode mais ser pensado de maneira bipolar, uma vez que os transgêneros (travestis, transexuais, etc) rompem radicalmente com essa bipolaridade; o gênero é performático, fluido e múltiplo.

### **Poder e sexualidade**

As investigações acerca das relações de poder sofrem uma guinada no século XX: a constatação de que os exercícios de dominação não se restringem às lutas de classe. As ações a favor da emancipação e do reconhecimento dos direitos das mulheres, bem como as batalhas em prol da diversidade sexual, emprestam visibilidade à dimensão política da ordem sexual e das hierarquias de gênero. Essas novas formas de mobilização social encontram respaldo na concepção de poder esculpida por Michel Foucault (1995), cuja proposição indica que o poder se instala no corpo social através de um feixe de relações micropolíticas que atinge todas as esferas da sociedade. Desse modo, distintamente dos postulados clássicos da ciência política, o poder não está no centro, nem é algo que pode ser apropriado por alguém; o poder só existe enquanto relação entre partes, através de um jogo contínuo de dominação e resistência. Com essa visada, podemos enxergar a dimensão política que permeia as relações mais sutis e, por vezes, aparentemente ingênuas - supostamente despreziosas -, que se constroem no



cotidiano. Logo, a partir das postulações de Foucault acerca das relações entre sujeito e poder, o espaço doméstico, as relações patriarcais e de gênero e a “moral heterossexual” podem ser vistos como relações de dominação política, cuja resistência se inflama e ganha notoriedade, sobretudo, no cerne do século XX. Uma vez que para Foucault as formas de dominação e resistência não se circunscrevem às relações de classe, mas perpassam todo o corpo social, incidindo nas lutas contra qualquer forma de sujeição.

Como enfatiza Foucault, as lutas contra a subordinação da subjetividade afirmam-se como batalhas significativas na atualidade:

São lutas que questionam o estatuto do indivíduo: por um lado, afirmam o direito de ser diferente e enfatizam tudo aquilo que torna os indivíduos verdadeiramente individuais. Por outro lado, atacam tudo aquilo que [...] força o indivíduo a se voltar para si mesmo e o liga à sua própria identidade de um modo coercitivo (FOUCAULT, 1995, p. 235).

Com efeito, temos que as relações de gênero e sexuais se inscrevem como formas de dominação contra as quais se insurgem tanto os movimentos que lutam a favor da emancipação da mulher, como os que reivindicam o reconhecimento da diversidade sexual. Estes se apresentam como focos de resistência às formas de sujeição impostas histórica e culturalmente por essas relações.

A visibilidade que os movimentos que reivindicam a diversidade sexual ganhou atualmente, notadamente com a constituição do chamado *Movimento LGTB* amplia e problematiza a questão da sexualidade no mundo contemporâneo, evidenciando que as lutas não atingem apenas as relações de dominação entre homem e mulher, mas também põem em xeque os exercícios de poder cumpridos por uma ordem ou moral heterossexual, também esta construída cultural e historicamente.

Portanto, vivemos, contemporaneamente, um processo de modificação nas identidades sexuais que requer uma reflexão criteriosa acerca dos processos de transformação histórica que problematizam determinadas representações de gênero e sexualidade. Como lucidamente indica Bauman (2005), a identidade se tornou um conceito-chave para a compreensão das mudanças sociais no atual estágio da modernidade. Partindo dos postulados da Análise do Discurso francesa, tomamos a identidade como um efeito



do discurso, uma vez que os processos de subjetivação se efetivam na produção social de sentidos. Com essa visada, tencionamos apreender os efeitos de sentidos produzidos por sujeitos discursivos historicamente situados, através das formas de mediação simbólica disponíveis numa sociedade amplamente midiaticizada, investigando como determinadas minorias sexuais pleiteiam seu reconhecimento na esfera do discurso, tramando, assim, na complexidade dos seus enunciados, fabulações e representações das suas identidades sexuais.

### **Embates discursivos**

O movimento homossexual se constitui a partir das manifestações de revolta em Stonewall, em 1969, diante da repressão da polícia em bares de frequência homossexual. Essas manifestações de repúdio à repressão e afirmação de “orgulho lésbico e homossexual” ganham, ao longo do tempo, novas conotações e, sobretudo, maiores proporções; atualmente, são celebradas nas ruas dos grandes centros urbanos e ficaram conhecidas como paradas de orgulho *gay* (FALQUET, 2009). Atuam como estratégias de visibilidade e expressão nas lutas em prol do reconhecimento da diversidade sexual.

Em 2000, a parada do orgulho *gay* em Roma mobiliza cerca de setenta mil ativistas e provoca declarações do então Papa João Paulo II, que afirma que a manifestação é uma afronta aos valores cristãos. A notícia se dissemina em vários países, provocando respostas do movimento homossexual e instalando uma espécie de arena discursiva, em que diferentes posições subjetivas acionam o discurso religioso para condenar, refutar e até mesmo legitimar as identidades homossexuais. A disseminação dessa notícia é um acontecimento que estabelece novas discursividades acerca da moral heterossexual, da religiosidade e das práticas homossexuais, engendrando elementos do discurso religioso nas relações de poder e resistência que permeiam as lutas políticas em prol do reconhecimento civil da homossexualidade como prática legítima. Trata-se, portanto, de um acontecimento discursivo.

Para a AD, esclarecem Guilhaumou e Maldidier (1994), o acontecimento discursivo se distingue tanto da notícia, quanto do acontecimento construído pelo historiador, pois que se apreende na conexão de enunciados que se entrecruzam em determinado



momento. Pêcheux (1990) postula que o acontecimento discursivo é o ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória. Por memória discursiva entende uma materialidade complexa fundada em uma dialética da repetição e da regularização. A cada vez que sobrevém um acontecimento, faz-se trabalhar a memória discursiva, através da restauração dos implícitos (pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc). A regularização discursiva é o que forma as condições de legibilidade e se efetiva através de remissões, retomadas e efeitos de paráfrase. Essa regularização está sempre por um fio, a cada vez que o acontecimento irrompe. Este pode ser sorvido à série, mas também é capaz de lacerar a estabilidade e instaurar uma nova série.

Nesse sentido, identificamos que o furor causado pela notícia “Papa condena orgulho gay” instaura uma série de enunciados que se enfrentam em torno da homofobia e da diversidade sexual a partir do agenciamento do discurso religioso. Esse acontecimento retoma a memória do controle da religião sobre a sexualidade, atualizando essas relações de poder na conformação e refutação de determinadas identidades sexuais na contemporaneidade. Se por um lado, manifestações homofóbicas se valem do discurso religioso para legitimar suas falas; por outro, o movimento homossexual incorpora elementos desse discurso a partir de outro lugar de fala. A esse processo de incorporação da voz do discurso do outro chamamos de heterogeneidade discursiva<sup>2</sup>. Toda formação social é cindida em classes e grupos com interesses divergentes, entretanto as formações discursivas não são idênticas a si, são constantemente atravessadas por formas de alteridade. Assim, o discurso religioso agenciado para dentro do movimento homossexual, entretanto enunciado a partir de outra posição subjetiva, de outro lugar de fala.

Recentemente, vivenciamos a disseminação de manifestações homofóbicas em *outdoors* de algumas cidades, estampando condenações às práticas homossexuais a partir de citações bíblicas.

---

<sup>2</sup>A partir da segunda metade dos anos 70 prevalece na AD o primado da heterogeneidade, produzindo o entendimento que nenhuma FD é idêntica a si, de modo que há presença da alteridade na identidade discursiva. Authier-Révuz propõe que há duas formas de heterogeneidade no discurso: a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva.



*Outdoors, Campina Grande-PB, 2009.*

Em 2008, a entidade evangélica VINACC (Visão Nacional para a Consciência Cristã), conforme ilustração acima, espalhou dez *outdoors* pela cidade de Campina Grande, na Paraíba, com referências bíblicas à união entre o homem e a mulher e de repúdio ao homossexualismo. A ação mobilizou movimentos sociais de apoio à diversidade sexual, ganhou repercussão midiática em nível nacional e foi resolvida juridicamente, com a ordem da retirada das mensagens homofóbicas estampadas na rua da cidade. Mais recentemente, já em 2011, a bancada evangélica manifestou-se contrária à luta em prol do reconhecimento da união civil entre homossexuais, a partir da recitação do discurso religioso; o fato ecoou amplamente na mídia.



Campanha disponível em:

<http://messmartins.blogspot.com/2010/06/jesus-ama-todos.html>. Acesso 01/07/2011.

Incorporando elementos desse discurso, a partir de posição discursiva antagônica à homofóbica, tornou-se corrente a circulação de enunciados que pleiteiam a aceitação da identidade homossexual a partir, também, da religiosidade, inclusive com a fundação da Igreja Cristã Contemporânea<sup>3</sup>. Com campanhas que circulam na internet e em diversos

<sup>3</sup> Para mais informações sobre a Igreja Cristã Contemporânea, acessar: <http://www.igrejacontemporanea.com.br/>



suportes midiáticos, a partir de enunciados como “Jesus ama a todos”, “Jesus ama os homossexuais”, “Jesus me ama e eu sou homossexual” e, até mesmo, utilização de passagens bíblicas, como “Porque contra o amor não há lei (Gálatas 5-22,23), o discurso ativista homossexual faz uso de estratégias similares e incorpora a autoridade do discurso religioso aos seus enunciados.

Conforme postula Jean-Jacques Courtine (2009), nos domínios de saber de uma formação discursiva, materializam-se contradições advindas de antagonismos, de elementos de saber antagônicos que operam. Em outros termos, uma formação discursiva é sempre perseguida pelo seu outro. Assim, formam-se os enunciados divididos: na contradição que liga os processos discursivos inerentes a formações discursivas antagônicas. De acordo com Courtine, o enunciado dividido constitui-se através de conjuntos de elementos que assumem valor antagônico no interior de um dado processo discursivo.

### **Notas finais**

As considerações e breves análises expostas neste artigo constituem a parte inicial de um projeto de pesquisa mais amplo que deseja investigar os modos de subjetivação das identidades sexuais e de gênero contemporâneas, nas relações de poder e resistência que lhes perpassam; processos esses que se materializam no corpo do discurso. Evidentemente, os resultados ainda se encontram em processo de construção. Portanto, essas notas finais não são conclusivas, mas provocativas. Verificamos de que modo o discurso religioso, que exerceu controle hegemônico sobre a sexualidade até o século XVIII, é atualizado na contemporaneidade, e afeta, em outra configuração histórica e cultural, os sujeitos nas invenções de si e do outro.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA**

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

\_\_\_\_\_. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.



COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político**: derivas da fala pública. Tradução de Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

\_\_\_\_\_. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). **Análise do discurso: heranças, métodos e objetos**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do imaginário**: imagens, língua e discurso. Tradução de Carlos Piovezani. In: II COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ANÁLISE DO DISCURSO. São Carlos, Registro de áudio, 2009.

FALQUET, Jules-France. Lesbianismo. In: HIRATI, Heloisa [et al.] (orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo : Editora UNESP, 2009.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 21. ed . Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **A História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro : Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault – uma trajetória filosófica** – para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 11 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do Sujeito**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. Ditos e escritos V: **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe baeta Neves. 7 Ed.

Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades. In: **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, Volume 4, Número 11, p. 11-25, nov. 2007.

\_\_\_\_\_ (org.). **Discurso e Mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos, SP: Claraluz, 2003.

\_\_\_\_\_. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso**: Diálogos & Duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.



GUILHAUMOU, J. e MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da História (Language, 81, 1986). In: ORLANDI (org.). **Gestos de Leitura: da História no Discurso**. Campinas, SP: Ed. Da UNICAMP, 1994.

LHOMOND, Brigitte. Sexualidade. In: HIRATI, Heloisa [et al.] (orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo : Editora UNESP, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PERROT, Michelle. História (sexuação da). In: HIRATI, Heloisa [et al.] (orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo : Editora UNESP, 2009.